3.º Anno — Lisboa, 30 de Agosto de 1886 — Numero 7

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima.—*A ilha Graciosa*, por Pinheiro Chagas.—*Das pequenas nacionalidades europeas*, (continuação), por Alberto Pimentel.—*Canto da manhã*, versos, por Alvaro de Castellões.—*O conde Paulo Vasili e as suas cartas*, por D. Guiomar Torrezão —*O inventario*, conto, por Lorjó Tavares. —*Edições e editores*, conto, por Eduardo Sequeira.—*As nossas gravuras.—Em familia (Passatempos).—A rir.—Um conselho por semana.—Traços da historia contemporanea*, (continuação), por A. C.

GRAVURAS:—*D. Antonio Mendes Bello (Arcebispo de Mytilene).—As canhoneiras «Zaire» e «Liberal».—O primeiro ramilhete.—Vista do porto de Huelva (Hespanha).—Um amigo fiel.*

CHRONICA

Lá me levaram o principe!

Estes grandissimos idiotas querem por força desequilibrar a Europa. Raptam um Alexandre de Battemberg, com a mesma semceremonia com que se pode raptar uma menina honesta, que, sem maior reluctancia, no momento preciso da cilada, tomba desfallecida nos braços do ladrão. Quando lhe não salta ao pescoço, e lhe não lança em rosto... um beijo de agradecimento.

Evidentemente, o principe Alexandre não se manifestou d'esse modo agradecido nas bochechas de Karaveloff, que o empalmou. E fez muitissimo bem, porque não são de ferro os intestinos humanos.

D. ANTONIO MENDES BELLO

(ARCEBISPO DE MYTILENE)

O que porém aggrava sensivelmente a situação é que os revolucionarios surprehenderam o principe no leito, o que me parece quasi uma indecencia.

E' pois chegado o temeroso momento. Já não ha quem arrisque, cincoréisinhos que seja, pelo equilibrio europeu.

O estado cahotico do velho mundo manifesta-se de uma maneira bem clara nos telegrammas da agencia Havas, que está ao corrente do que se passa em todos os mundos, incluindo o outro.

Os despachos da referida agencia sobre a questão de que me occupo, podem dividir-se em dois grupos bem distinctos. No primeiro, cabe um grande numero de telegrammas que são falsos; no segundo, cabem os restantes, que são falsos tambem. Esta divisão em grupos não é talvez positivamente indispensavel, mas é vantajosa para a digestão, porque seria pelo menos arriscado tragar de uma assentada tanta batata junta.

A acreditar na transmissão electrica atravez dos arames Havas, o principe deposto foi condusido de Sófia para toda a parte, e, depois de passar alguns dias com a familia, vae ser reconduzido de toda a parte para Sófia, mediante um juramento solemne de que nunca mais hade voltar á Bulgaria!

Isto é simplesmente inacreditavel. Muito menos do que isto fez o judeu errante, e já hoje ha muito quem duvide de que não haja mais palmo menos pollegada na descripção das viagens d'aquelle eterno Bargossi.

Que me conste, ha na Bulgaria, actualmente, dois governos. Um improvisado pela revolução, outro restabelecido pela contra-revolução.

Estes dois poderes acham-se installados em duas cidades distinctas, ambas, se me não engano, sitiadas. Uma pelos revolucionarios, outra pelos contra-revolucionarios.

Entretanto, reina tranquillidade completa, segundo affirma a agencia...

Hontem 26, realisou-se a conferencia entre os srs. de Bismarck e de Giers, da qual se esperava, nem mais nem menos, a solução do momentoso caso. Eu lhes digo: Depois de jantar, os dois senhores vieram á janella e ahi estiveram por muito tempo conversando com grande vivacidade.

Esta vivacidade depois do jantar, pode muito bem ser uma gracinha da agencia; entretanto, o que parece averiguado é que se não averiguou ainda cousa alguma.

E demais, as potencias já declararam que precisavam de informações auctorisadas antes de responder á nota da Sublime Porta.

Com uma porta precisava a agencia!

Não ha nada como a santissima paz em que vivemos nós outros, inoffensivos restos da poderosa Lusitania. Não foi para nós que a telegraphia se inventou; a nossa eterna paciencia não auctorisa sequer uma mentira decente.

Senão, olhem-me ahi a dictadura. Não serve mesmo para nada! Os partidos indignados dormem a somno solto; e, se de vez em quando irrompem n'uma ou n'outra descompostura bem cabida, é pesadello que morre com os primeiros alvores da manhã, e que depois de morto não preoccupa ninguem.

Somos, sem duvida, os filhos dilectos da semsaboria, mas é forçoso confessar que atravessamos agora um periodo agudo.

Nem já as praias, as praias n'outro tempo animadissimas, logram poupar-se á invasão do aborrecimento. São simplesmente desoladoras as chronicas qne d'ahi nos vêm.

Eu proprio affirmo, sob a minha palavra, que ainda ha pouco, n'uma praia aliás deliciosa por quaesquer outros motivos, passei uma noite hedionda, jogando o annel! Peço-lhes encarecidamente que me não batam. A idéa não foi minha.

De manhã, no banho, apparecem duas ou tres pessoas envergonhadissimas n'aquelles fatos muito comicos, que Deus Nosso Senhor inventou para castigo dos vaidosos—das vaidosas ia eu dizer—mas essas mesmas tres pessoas demoram-se tão pouco n'agua, que nem tempo dão para a gente rir.

O correspondente da Cruz-Quebrada para o *Diario Illustrado*, Roberto, opina que, actualmente, a melhor praia de banhos é uma tina. Opina muito bem, sr. Roberto, mas o que sobretudo lhe louvo é a coragem com que o meu amigo escreve essa verdade, que todos sentem, mas que poucos confessam.

N'estas condicções é fatal a queda no Colyseo. Tanto mais que é uma queda que magôa pouco, visto que no Colyseo nem tudo são tenores.

Ha lá tambem um excellente barytono, Blanchard, que hoje precisamente se despediu do publico d'aquelle theatro, o que seria um desgosto, se não houvesse esperança de que o bravo artista se despeça ainda algumas vezes mais. Porque não houve ainda nenhuma recita a pedido de varias familias que vieram do campo expressamente; não houve ainda nenhum espectaculo em que a empreza, com muito sacrificio, proporcione ao publico mais uma noite de gaudio; não houve nada ainda!

Verdade seja que a ultima recita por meios preços, para accionistas e subscriptores, já se realisou duas vezes; mas falta a penultima. A penultima não foi ainda sequer annunciada.

E a empreza faz mal, consentindo que se retire tão depressa a companhia lyrica que actualmente funcciona nos cavallinhos, e que tão bons proventos lhe deve têr dado. A sala regorgita de espectadores, todas as noites, e é de esperar que, dentro em pouco, as enchentes sejam reforçadas pelas pessoas que voltam para Lisboa, cançadas do divertimento activo que encontram fóra de portas.

E depois, no Colyseu, não ha só a admirar a bella voz de Blanchard; ha tambem a bella plastica da sr.ª Martinez, que o meu amigo Casimiro Dantas—um apreciador—classifica entre as rosas, em cuja corolla e com melhores desejos eu me faria botanico.

E, para não mentir, devo dizer-lhes que o meu amigo disse a melhor das verdades.

A sr.ª Martinez apresentou-se perfeitamente no *Fausto*, em que desempenhou o papel de Margarida, aquella esplendida Margarida imaginada por Gœthe, ingenuo que compunha poemas immortaes, sem prevêr que mais dia menos dia ninguem poderia evitar que algum dos seus personagens fosse cahir nas mãos do primeiro Gasparini que passasse.

E cahiu. E d'ahi resultou que a sr.ª Martinez, por mais vehemente que se fingisse, não convenceu ninguem da paixão que dizia sentir pelo dr. Fausto, que pactuára com o diabo, para nos dar cabo do tympano.

A sr.ª Martinez teve depois ovações consecutivas no papel de Selika, e talvez mais applaudida fosse, se não tivesse preferido a tão sympatico Nelusko o Guido mais descompassado de que ha memoria nos fastos da *Africana*.

Isto não quer dizer que o sr. Falletti não tenha uma voz muito regular. E' que tem um feitio muito ratão.

Não lhe dou de conselho que estude, nem que aprenda a representar, nem que se finja menos exquisito, porque não tenho auctoridade para isso, nem quero plagiar essas tristes banalidades que atravez os seculos teem vindo pelo jornalismo fóra.

Olhe, sr. Falletti, suicide-se!

JOAQUIM LIMA.

A ILHA GRACIOSA

II

Já que n'este rapido estudo tivemos de nos referir, logo ao principio, a um facto curioso, porque projecta um raio de luz sobre a existencia dos nossos antepassados que passaram tantas tribulações de que hoje estamos livres, facto curioso sim, mas que não póde figurar de certo nos pergaminhos d'esta pequena ilha, justo é que indiquemos egualmente os titulos que a ilha tem ao respeito e ao applauso de todos os Portuguezes, pela dedicação intemerata com que acompanhou o reino em todos os movimentos que se fizeram a prol da independencia e da liberdada nacional.

Citamos de relance um facto de que justamente se ufana a Graciosa—é a sua brilhante resistencia a um assalto de piratas mouriscos em 1623. Sairam d'aqui bem escarmentados.

Apenas constou na ilha Graciosa que Portugal recuperára a sua independencia, logo por um sentimento unanime a pequena ilha se levantou a acclamar tambem rei de Portugal D. João IV. Pois a Hespanha fizera verdadeiros esforços para *hespanholar* a ilha, e procurára cruzar com os habitantes da Graciosa colonos vindos do norte da Hespanha. Nada conseguiram—a Graciosa ficou sempre legitimamente portugueza.

No dia 1 de dezembro de 1640 proclamou-se em Lisboa a restauração da independencia de Portugal. Correra logo a noticia de terra em terra e levara-a aos de Angra o morgado Francisco de Ornellas. Angra acompanhava logo o reino na sua manifestação, o que era tanto mais meritorio quanto uma forte guarnição hespanhola mantinha alli voz por D. Filippe. Francisco de Ornellas mandou logo emissarios ás outras ilhas, não a proclamar a insurreição, mas a levar a noticia, porque nada mais era necessario. Quem a levou á Graciosa foi Constantino Paes Sarmento, e, chegando a noticia a 10 de maio de 1641, n'esse mesmo dia voltou a Graciosa a ser portugueza.

E' esse o caracteristico singular da revolução iniciada a 1 de dezembro. Depois de sessenta annos de dominio hespanhol, estava tão viva, tão solida, tão compacta a nacionalidade portugueza que tudo quanto era portuguez se destacara immediatamente da Hespanha sem lucta, sem agitação e sem hesitação—tanto Lisboa como a ilha Graciosa, tanto a India como o Brazil. O dominio hespanhol amalgamára os dois povos, não os fundira. O choque electrico da revolução separou immediatamente os dois elementos componentes.

Mas a guarnição hespanhola de Angra, solida e energicamente commandada por D. Alvaro de Viveiros, mantinha a bandeira de Castella fluctuando no castello de S. João Baptista, que foi necessario cercar. Os terceirenses appellaram para o patriotismo dos seus irmãos insulanos e a Graciosa acudio logo ao appello. Deu para o assedio o bronze das suas peças e dos peitos de seus filhos.

Passaram-se quasi dois seculos, e a questão que se agitava em Portugal não era já a da independencia, era a da liberdade. Da mesma forma que a independencia proscripta encontrára nos Açores o seu ultimo baluarte, assim a liberdade expulsa em 1828 do continente encontrou ainda nos Açores o seu novo berço. A liberdade portugueza, como a Venus da Grecia antiga, tinha de surgir da espuma das vagas, e a sua concha Acidalia era a formosa ilha verdejante, que se chama Terceira.

Assim que a felicidade com que foi repellida a expedição miguelista derrotada na villa da Praia permittio á regencia da Terceira pensar em alargar um pouco o seu dominio, tratou immediatamente, como era natural, de hastear a bandeira azul e branca nas ilhas que mais perto lhe ficavam.

Não succedia porém agora o mesmo que succedera em 1640. Então havia um pensamento unanime que impellia no mesmo sentido todos os Portuguezes, agora os Portuguezes estavam cruelmente divididos pelas paixões politicas, e essa divisão em toda a parte se reproduzia, como em toda a parte se reproduzira dois seculos antes a unanimidade que déra á revolução de 1 de dezembro o seu caracter grandioso.

A Graciosa tinha uma guarnição miguelista de cerca de 200 homens commandados pelo capitão José Roberto Botelho de Gouveia. Eram todos excellentes soldados, quasi todos veteranos da guerra peninsular. Alem d'isso as milicias estavam seriamente organisadas, as ordenanças tambem, e adestravam-se com frequencia no manejo das armas. O commandante militar da ilha era o major graduado Manuel Freire de Freitas, e o encarregado do material da artilheria o sargento Manuel José de Castro.

O zelo com que os officiaes miguelistas procuravam manter a ilha em estado de defeza, sempre receiosos de qualquer assalto dos Terceirenses, foi exactamente o que os perdeu; porque tão incommodos se tornavam aos milicianos esses rebates constantes, que os constitucionaes os encontraram dispostos a auxilial-os para se pôr termo a tão vexatorio regimen.

A guarnição estava distribuida da seguinte forma: em Santa Cruz estava a força principal commandada pelo capitão Botelho de Gouveia, na Praia um destacamento commandado pelo capitão Pinto e no Carapacho outro commandado pelo capitão Tinoco, no forte de Affonso do Porto outro commandado pelo sargento Camarinha, no forte da Barra o parque de artilheria commandado pelo sargente Manuel José de Castro.

Esta divisão era favoravel aos planos do grupo constitucional, que se compunha do tenente-coronel de milicias Joaquim Ignacio de Quadros, Francisco Pereira Lopes de Athayde, barão da Fonte do Matto, Candido José Coelho, capitão-mór Antonio Botelho de Bettencourt, José de Passos Gonçalves, Faustino José da Veiga, José Leite de Bettencourt e o capitão de ordenanças Bartholomeu Alvaro de Bettencourt.

A's 2 horas da madrugada do dia 10 de julho os constitucionaes, acompanhados por uns 200 milicianos, assaltaram o quartel de Santa Cruz, prenderam e desarmaram os soldados surprehendidos, e arrancaram ao governador militar, Manoel Freire de Freitas, uma ordem para que os commandantes dos diversos destacamentos adherissem ao movimento. Freitas percebia, ao que parece, que a causa miguelista entrára no seu periodo de declinação, e por isso é que foi tão prompto em dar a ordem que se lhe pedia. O commandante do parque de artilheria, que sympathisava com o movimento, logo que teve a sua responsabilidade a coberto pela ordem de Freire de Freitas, adheriu sem hesitar, e foi isso de certo de enorme vantagem para a insurreição.

Não fizeram o mesmo os commandantes dos diversos destacamentos. O capitão Pinto, longe de obedecer ao governador militar, marchou sobre Santa Cruz com os trinta homens que commandava, e tão irritado ia que atravessou com a sua espada um miliciano que foi intimal-o a render-se. Nada conseguiu porém, e retirou-se para Fonte do Matto onde embarcou.

Alguns dos soldados presos em Santa-Cruz fugiram da prisão, e tentaram rehaver as suas armas, que estavam em casa do capitão de milicias João Ignacio de Simas e Cunha, mas este e seu cunhado defenderam tão energicamente o seu deposito, que os soldados fugiram.

O malogro d'estas duas tentativas de contra-revolução actuou, como era natural, no moral dos outros destacamentos. Tinoco debalde procurou unir-se com o capitão Pinto, que era forçado a embarcar em Fonte do Matto, e o sargento Camarinha não conseguiu unir-se a Tinoco, e assim triunphou n'um momento, apenas com a morte de dois homens, a causa liberal. Este successo foi applaudido enthusiasticamente pela regencia da Terceira, em officio de 11 de julho.

O sr. Canto Moniz, depois de narrar estas glorias da Graciosa, falla em personagens illustres que visitaram a ilha. Tres foram elles principalmente: o padre Antonio Vieira, Chateaubriand e Garrett.

Foi em 1654 que alli esteve o padre Antonio Vieira, vindo do Maranhão, e d'esse facto resta testemunho irrecusavel n'uma das suas ponderações contra a Inquisição, em que declara que valeu a 41 pessoas que tinham sido roubadas e lançadas na costa da ilha Graciosa, e que no pouco tempo que se demorou n'esta ilha, contribuiu quanto poude para a instrucção religiosa dos habitantes.

Em 1791 emprehendia Chateaubriand a sua viagem á America, e passava pela Graciosa, onde se demorava algumas horas. Parece que lhe fez impressão a formosura da ilha, porque, referindo a sua estada alli, na *Voyage en Amérique*, ainda volta a fallar d'esse facto nas *Mémoires d'outre tombe*, escrevendo o seguinte:

«A ilha Graciosa, onde eramos surtos, nos apresentava aos olhos os seus outeiros á feição de amphoras etruscas, bojudos e arredondados; vestidos de trigos verdes e a despargirem uma fragrancia cereal mui suave, que é só das searas dos Açores. Por entre aquelle estendido tapete de verdura se enxergavam os compartimentos das fazendas, muros ensossos de pedras alvas e negras, segundo das entranhas as vomitavam os vulcões. No alto de um cabeço avultava um convento, lembrança do mundo antigo no meio d'aquella terra nova; pela falda do outeiro reluziam espelhentos os telhados vermelhos da villa de Santa Cruz. No mar sereno retratava-se, revirado, o contorno da ilha com todas as suas nativas phantasias e variedades de bahias, cabos, angras e promontorios. Alcantis de penedias debruçadas e penduradas para cima das ondas lhe teciam da parte de fóra curto brutesco e seguro ante-moral, contra tempestades. No fundo do painel resaia, pyramidal-conico, o vulcão do Pico que dissereis encravado lá em cima de um zimborio de nuvens. Com aquelle phantasma da outra ilha se rasgava, por traz da nossa Graciosa, a perspectiva da immensidade aérea.»

Seguimos na transcripção a traducção excellente do sr. Canto Moniz.

Finalmente Garrett esteve alli em criança, indo visitar seu tio João Carlos Leitão, que era juiz de fóra da Graciosa; foi então que se deu o famoso caso que o sr. Gomes de Amorim conta no seu livro sobre Garrett, o do grande poeta prégar na ilha Graciosa um sermão sem ser padre, tendo subido ao pulpito por méra travessura, e tendo obtido um successo como nunca obteve depois prégedor algum authentico.

O sr. Canto Moniz conta isto evidentemente sem conhecer o livro do sr. Gomes de Amorim e dá-nos assim a contra-prova da veracidade da anedocta.

PINHEIRO CHAGAS.

DAS PEQUENAS NACIONALIDADES EUROPEAS

IV

Republica de S. Marino

O povo italiano não acolheu de boa sombra a revolução franceza. Se exceptuarmos a republica de S. Marino, a Italia viu com antipathia entrar no seu territorio o exercito francez para livral-a do jugo da Austria e da Inglaterra colligadas. Edgard Quinet diz que ao grito dos francezes—*Viva a Republica!*—respondera a Italia gritando—*Anathema!*—Qual a rasão d'este procedimento do povo italiano? «E' que, explica o escriptor que já por mais de uma vez temos citado, o cosmopolitismo da edade-media tinha conduzido a Italia á servidão, e o que é ainda peior, ao *habi o* da servidão, a tal ponto que renunciar ao estado de escravo parecia a este povo privado da patria o mesmo que renunciar a uma parte de si proprio.»

Mas a republica de S. Marino fez excepção ao procedimento da Italia. Vimos como entre Bonaparte, por intervenção de Monge, e a republica de S. Marino se estabelecerem relações muito cordeaes, e como o general em chefe do exercito francez offerecera á pequena republica um augmento de territorio, que ella recusára com notavel desprendimento.

Conhecemos a resposta do capitão regente Antonio Onofri em nome do povo de S. Marino.

«Sabeis, disse elle respondendo ao enviado de Bonaparte, que a simplicidade dos costumes e o sentimento sagrado da liberdade são a unica herança que nossos paes nos transmittiram; gloriamo-nos de a ter conservado atravez de tantos seculos a despeito dos esforços da ambição, do odio dos poderosos e da inveja dos nossos inimigos. Voltai para junto do heroe que vos envia; levai-lhe a livre homenagem da nossa admiração e da nossa gratidão. Dizei-lhe que a republica de S. Marino, contente da circumscripção do seu territorio e da sua modesta existencia, se abstem de acceitar o generoso offerecimento que lhe é feito, e de alimentar ambições de um engrandecimento, que poderia, com o tempo, comprometter a sua liberdade; mas que os seus cidadãos tudo deverão á generosidade da Republica franceza e do seu invencivel general se houverem obtido assegurar o bem publico pela extensão das relações commerciaes, que tão estreitamente se lhe ligam, e pelas condições mais favoraveis á sua existencia.»

Sabemos qual foi a agradavel impressão que esta nobre resposta deixára no espirito de Bonaparte.

Mais tarde, em 1804, o consul Bonaparte era coroado imperador pelo papa Pio VII, e a 26 de maio do anno seguinte Napoleão I cingia na cathedral de Milão a corôa de ferro dos antigos reis lombardos. Antonio Onofri assistia, como representante da republica de S. Marino, a este acto solemne, merecendo ao imperador distinctas provas de consideração.

Antonio Onofri fôra um benemerito, um heroe de dedicação pela patria.

Graças aos seus esforços fôra assignado entre S. Marino e a republica romana um tratado de commercio a 4 de junho de 1798. Entre as duas republicas estabeleceram-se tão cordeaes relações, que havendo sido proscriptos do territorio da republica romana os ecclesiasticos estrangeiros, fez-se uma unica excepção em favor do clero de S. Marino Um outro serviço importantissimo prestára Onofri á sua patria, que alguns traidores marinenses, porque em toda a parte os ha, tratavam de desacreditar, como incapaz de governar-se, junto do papa, dos cardeaes, e dos diplomatas extrangeiros, acreditados perante a côrte de Roma, insinuando que a republica do Titan favorecia secretamente os inimigos da santa sé. Foi Onofri que, partindo immediatamente para Roma, tratou de desenvencilhar esta perigosa intriga urdida e emmaranhada por degenerados marinenses. Conseguiu com heroica dedicação desfazer a calumnia, e voltou a S. Marino bem merecendo o cognome de *Pai da Patria*, para fechar com esta chave de ouro a sua heroica existencia, pois que falleceu a 26 de fevereiro de 1825.

Os seus funeraes foram feitos á custa do estado, e o seu busto em marmore, com uma inscripção commemorativa, foi collocado na sala das sessões do soberano conselho.

Como temos visto, par mais difficeis e imprevistas que houvessem sido as circumstancias, a pequena republica de S. Marino podera sempre triumphar do perigo. Vejamol-a affrontar agora uma nova crise, o periodo revolucionario de 1848, que Carlos Alberto, rei do Piemonte, aproveitava para realisar a independencia italiana em proveito da monarchia sarda. Em novembro d'esse anno, o papa fugira de Roma, e em 1849 o parlamento romano proclamara a republica. Secundando o protesto do papa, a França resolvia enviar a Roma uma expedição. Aszim fez. O exercito francez, commandado pelo general Oudinot, desembarcou em Civita-Vecchia e marchou sobre a cidade eterna. Os romanos chamaram em seu auxilio Garibaldi, um dos deputados que tinham proclamado a republica. Garibaldi não se fez esperar, conseguindo desalojar de villa Pamphili os francezes. Mas Oudinot tomava Roma e Garibaldi via-se obrigado a retirar sobre Veneza, onde fluctuava ainda a bandeira italiana, operando verdadeiros prodigios n'essa famosa retirada, em que era perseguido pelos francezes, pelos napolitanos e pelos austriacos.

Foi, desbravando caminho atravez de todas as asperezas do solo, que Garibaldi logrou encontrar asylo na republica de S. Marino.

D'ahi licenciou os seus companheiros de armas, que os austriacos reclamavam á pequena republica do Titan. Mas S. Marino, fiel ás suas tradições de hospitalidade, recusou-lh'os Em face d'esta attitude energica e digna, os austriacos assignaram uma convenção pela qual Garibaldi podia sahir livremente da Italia, bem como os seus soldados, sob condição de que entregariam as armas ás auctoridades de S. Marino.

Garibaldi não se fiou porém na convenção, e sahiu furtivamente de S. Marino com sua mulher e trezentos companheiros de armas. Os outros, menos felizes, foram tratados em Rimini, a despeito da convenção, como prisioneiros vulgares.

Sabe-se como Garibaldi poude chegar á America.

Victor Manuel teve sempre delicadas attenções com a republica de S. Marino, cujos representantes sentára á sua direita por occasião do grande banquete com que fôra celebrada a inauguração do caminho de ferro de Ancona. Em 1862, fôra assignado um tratado de commercio, e em 1864 uma convenção postal entre a Italia e a republica de S. Marino.

Victor Manoel, mais feliz do que seu pai, podera finalmente realisar o pensamento da unidade italiana.

A 20 de setembro de 1871, o general Cardona entrava, á frente do exercito, na cidade eterna e, depois de corrido um escrutinio, a que foram chamados os habitantes de Roma e das provincias pontificias, a séde do governo italiano estabelecia-se na cidade dos papas, onde ainda hoje se conserva.

S. Marino viu realisar-se o pensamento absorvente de Carlos Alberto, *L'Italia fora da se*, e, em vez de tremer de receio, como poderia suppôr-se, continuou serenamente a cuidar da sua administração, tranquilla na consciencia da sua força, confiando em que a monarchia italiana respeitaria, como tem respeitado, as suas nobres tradições de liberdade e independencia.

Sobre a carta da monarchica peninsula italiana uma pequena gotta de tinta indica a republica de S. Marino. Pois bem! nem a monarchia incommoda a republica, nem a republica incommoda a monarchia.

A superficie da republica de S. Marino é de 62 kilometros quadrados, contendo uma população de 8,000 almas; a cidade capital conta, como já dissemos, 1,500 habitantes.

O territorio da republica, encravado entre a provincia italiana de Forli ao norte, a léste e ao sul e a de Pesaro ao occidente, é banhado pelo rio Marignano, pelo *fiume* de S Marino e pela torrente Marano.

As principaes localidades da republica são:

1.º Serravalla, celebre pelos seus productos ceramicos, grandes vasos etruscos para jardim.

2.º Montegiardino.

3.º Faetano.

Em ambas estas localidades, especialmente na ultima, é abundante o enxofre.

Outras localidades de somenos importancia possue ainda a republica, como por exemplo, Acquaviva, ondo se acha a gruta, de que brota agua, outr'ora habitada pelo piedoso Marinus; e Castellare, que, segundo resa a tradição, era o sitio onde outr'ora residia Felicissima, a dama que Marinus convertera ao christianismo.

Enriquecem o solo de S. Marino o marmore e o alabastro; o manganeze, tão util á industria. Quanto ás aguas mineraes, chamadas de S. Marino, não nascem propriamente no territorio da republica, mas sim no visinho valle de Santo Anastasio.

A creação de bois e porcos é um dos mais importantes ramos do commercio agricola de S. Marino. Faz-se em Borgo uma grande feira annual de gado, a que concorrem negociantes não só das provincias limitrophes mas tambem de toda a Italia central.

A cultura das terras é regida por um estatuto agrario que data de 1811, sendo muito consideravel a producção de azeite, vinho e cereaes.

A organisação politica de S. Marino é actualmente a seguinte:

1.º Um conselho de 60 membros, constituindo o corpo legislativo (*general consiglio princ·pe*), cujo mandato é gratuito.

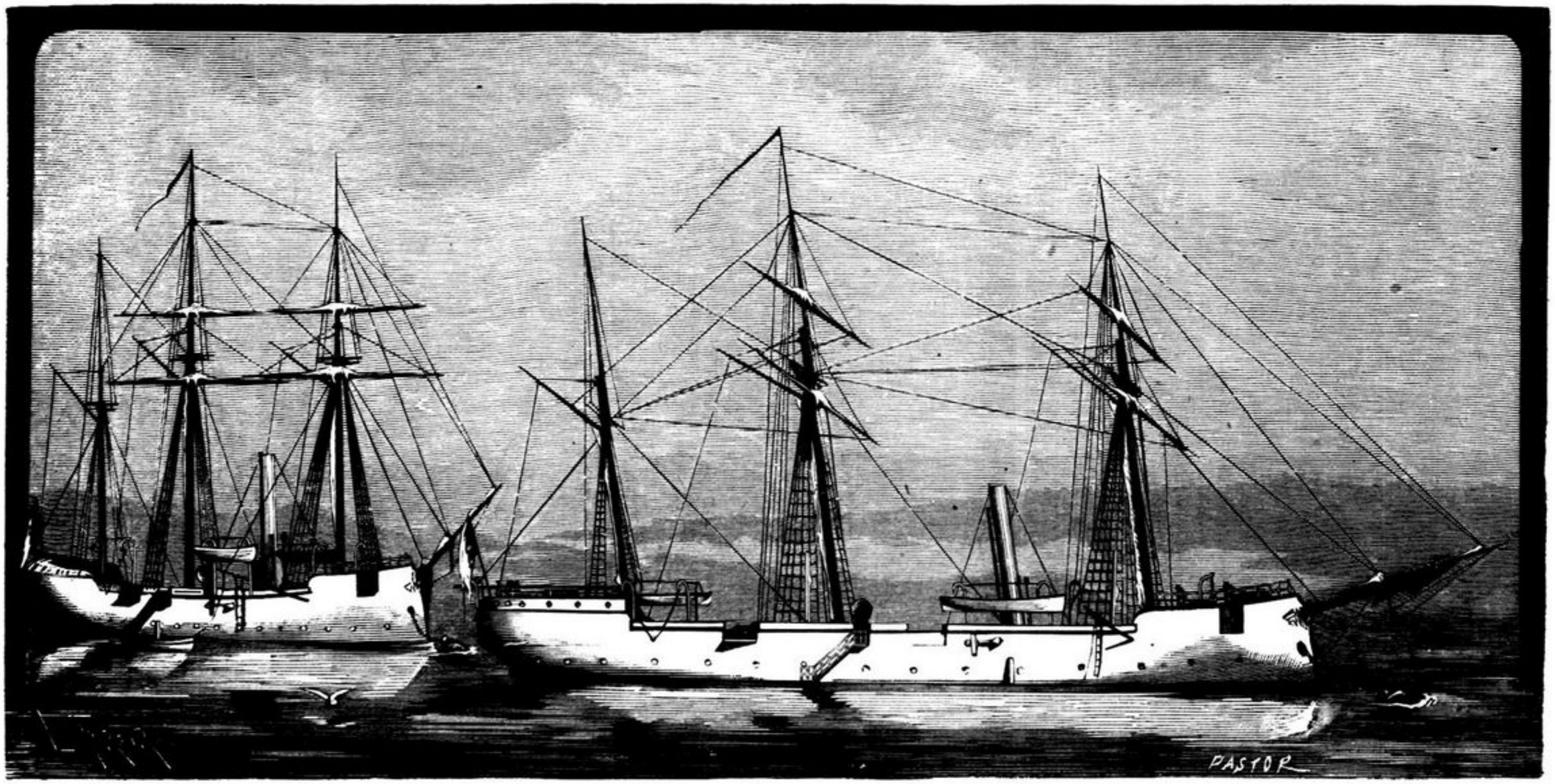
2.º Dois capitães regentes, nos quaes reside o poder executivo, e que recebem cada um durante o exercicio de suas funcções uma insignificante retribuição de cerca de trinta mil réis,

3.º Um conselho de 12 membros, de que todos os annos se renovam dois terços, e que é uma especie de corpo intermediario entre os capitães e o grande conselho.

4.º Um magistrado judicial eleito por tres annos pelo grande conselho e que tem o titulo de commissario da lei.

Rege ainda em S. Marino o antigo direito romano, apropriado, em successivas transformações dos estatutos vigentes, ás necessidades da sociedade moderna.

Pelo que respeita á legislação criminal, S. Marino obedeceu



AS CANHONEIRAS «ZAIRE» E «LIBERAL»

ao movimento reformador que se produziu em 1812, e ao qual deram um forte impulso os trabalhos dos jurisconsultos italianos: simplificou a forma de processo-crime, estabeleceu uma proporção mais equitativa entre o delicto e a pena, e supprimiu certos usos barbaros que da edade-media havia herdado.

A pena de morte foi abolida em 1859.

O codigo commercial aproxima-se muito do direito italiano e por consequencia do direito francez.

De seis em seis mezes, a 1 de abril e a 2 de outubro, faz-se a eleição dos dois capitães regentes, por suffragio universal e escrutinio secreto.

Estes funccionarios são assistidos no expediente dos negocios por dois secretarios de estado, um para as relações diplomaticas e as finanças; o outro para a administração interior.

(Continúa). ALBERTO PIMENTEL.

CANTO DA MANHÃ

Já vem doirando a clara madrugada
A cupula dos ceus;
Dá-me um ultimo beijo, ó minha amada,
E um derradeiro adeus.

A estrella da manhã empallidece
No seio do arrebol,
Como o teu alvo corpo se esvaece
No limpido lençol.

Já na frescura do pomar distante
Se ouvem os rouxinoes,
E aberta a porta do curral fumante
Saem ao campo os bois.

A brisa da manhã é fresca e pura,
E' perfumado o ar,
E a corrente da fonte que murmura
Está-nos a chamar.

Para a cava da vinha ergue-se cedo
Agora o lavrador,
E é mister occultar d'elle o segredo
Do nosso grande amor.

Vem abrir-me o balcão das trepadeiras,
E deixa-me partir
Antes que para a villa as lavradeiras
Comecem a seguir.

Adeus, guarda a memoria perfumada
Dos beijos que te dei,
E lembra-te de mim, ó minha amada,
Que eu não me esquecerei.

E quando á hora em que ninguem se atreve
N'esta rua a passar,
Se acaso o vento te vier de leve
Na janella tocar,

Pensa no nosso amor, grande e profundo,
No nosso amor sem fim,
E esquece-te de ti, de todo o mundo,
Para pensar em mim!

Que te mando da noite em cada aragem
Uma recordação,
E que levo esculpida a tua imagem
Dentro do coração.

Já vem doirando a clara madrugada
A cupula dos ceus;
Dá-me o ultimo beijo, ó minha amada,
E o derradeiro adeus.

ALVARO DE CASTELLÕES.

O CONDE PAULO VASILI E AS SUAS CARTAS

Ha pouco mais de um anno, appareceram na *Nouvelle Revue* umas curiosas, espirituosas e um pouco maliciosas cartas, assignadas pelo conde Paulo Vasili.

Essas cartas, tratando das principaes côrtes da Europa, tratando d'ellas pelos lados menos conhecidos, apanhando, de relance, phisionomias em evidencia e photographando-as nas suas mais subtis *nuances*; essas cartas, mais do que escriptas, vividas, brilhantes, por vezes, de *verve*, achando, quasi sempre, a nota imprevista, na analyse do facto e no escorço do retrato, e arrancando-lhes a vibração humoristica; essas cartas, que todos quizeram ler, por isso que se referiam a individualidades que a todos interessam, fizeram um barulho enorme em Paris e augmentaram em muitos milhares de exemplares a tiragem da *Nouvelle Revue*.

O conde Paulo Vasili, que ninguem conhecia, adquirio de um dia para o outro a aura em que o Boulevard envolve os seus authores predilectos, aquelles que lhe sacodem os nervos, pelo simples poder, (não raro), de uma só pagina, de uma unica phrase, de uma cançoneta que Paris assobia, á hora do absyntho, ou de um dito que Paris decora na *brasserie* e vae repetir, a começar no Café Concerto, onde Thereza canta os seus inimitaveis couplets, e, acabar no salão, onde as grandes maravilhosas da Republica do sr. Grévy mostram os hombros de marmore fluido, os legendarios hombros parisienses, quasi tão nus como os contos de Catulle Mendés.

Afinal, um dia soube-se que o conde Paulo Vasili, o conde das cartas, não pertencia, em rigor, ao dominio dos vivos, que a sua existencia não passava de um engenhoso mytho, offerecido á insaciada curiosidade do todo Paris que lê.

O conde, que fazia palpitar muitos corações femininos e que enchia de amaveis fantasias côr de rosa muitas cabeças côr de vinho de Sauterne, era... madame Adam!

Julietta Lamber visitara a Russia, a Allemanha, a Inglaterra e a Hespanha, vivendo, muitas vezes idealmente na intimidade das cabeças coroadas e dos *boudoirs* principescos, onde o amor, a politica e a intriga enrolam e desenrolam as suas meadas de *filoselle* em um ambiente perfumado a *white rose*. D'essas visitas, d'essas intimidades e d'essas fantasias trouxe ella uma preciosa collecção de notas escriptas á pressa no seu *carnet de touriste*, metamorphorseadas mais tarde, (na doce penumbra do gabinete) n'essa admiravel serie de cartas, cujo successo começou no jornal para se affirmar agora definitivamente no livro.

Repetidas vezes, durante essa caçada ao imprevisto, emprehendida ao som do victorioso e sonoro *halalli*, madame Adam fez-se substituir, (em algumas côrtes da Europa,) particularmente na Russia, por um personagem mysterioso e invisivel, uma especie de pequeno diabo azul, com poderes discricionarios e importancia correspondente á de um ministro plenipotenciario... de saias, d'esses que penetram sem obstaculo possivel em todos os templos defesos ao vulgo, sobem sem dificuldade ás mais altas regiões e apoderam-se, sem que seja humanamente permittido resistir-lhe, dos mais occultos segredos, quer elles se chamem Amor, Diplomacia, ou Politica, a trindade sybillina em torno da qual gira a constellação dos reis, dos principes, das princezas e das *grandes dames*, que têem nas suas pequeninas mãos esguias e brancas os destinos da Europa.

O diabo azul, cedendo, uma ou outra vez, á suggestão de um despeito ou ao impulso de uma sympathia, nem sempre forneceu a nota authentica; a informação transmittida teve, não raro, a aspera inflexão escarninha da gargalhada mephistophelica...

N'essas occasiões, o conde Paulo Vasili sacrificou a logica, a verdade e a coherencia ás inspirações suggeridas pelo seu endiabrado emissario.

As cartas escriptas n'esse periodo, filhas d'essa impressão, assimilham-se a alguns capitulos, mal humorados, do célebre livro de madame Rattazi: *Portugal à vol d'oiseau*.

Se fosse licito referir em publico o que nos contam em particular, eu poderia, talvez, revelar aos leitores da *Illustração* o nome da maliciosa informadora que forneceu assumpto para duas ou tres diabolicas cartas da *Société de Saint-Pétersbourg*, que acaba de ser exposta á venda em Paris, em um elegante e luxuoso volume de 328 paginas.

E sabem onde vim saber o nome d'esse sylpho de saias, que tem na cabeça intelligente e loira uma corôa heraldica?... Em Lisboa!

Se adivinhassem quem ella é! ou por outra, se eu podesse dizer-lhes o nome illustre da *grande dame* que collocou nas minhas mãos esse delicado e precioso fio de uma intrigasinha diplomatica, a que não é estranho o omnipotente amor!...

A proposito da *Sociedade de S. Petersburgo* e do que alli se diz com referencia á familia imperial, á côrte, a muitos factos ignorados, a muitas salas, a muitas intrigas, a muitas questões, a muitas individualidades ainda não conhecidas, madame Adam foi rudemente aggredida na imprensa franceza, especialmente por Fouquier *(Nestor)*, que lhe atirou aos pés delicados uma chronica escripta com polvora, balas e ironias.

Madame Adam respondeu ao seu adversario, *Nestor—Colombine, (duo in carne)*, com uma unica phrase correcta, altiva e digna, como tudo quanto se exhala d'essa mulher superior, que reune á viril coragem de um homem, todas as suaves e irresistiveis qualidades femininas, que constituem a força do seu dominio.

Desejo que os leitores da *Illustração* conheçam as cartas que versam sobre a *Sociedade de São Petersburgo*, verdadeiros modelos epistolares, scintillantes de humorismo, escriptas um pouco ao acaso, sem preoccupações de estylo, mas evitando sempre a monotonia e a rotina e procurando o effeito original, o aspecto pittoresco, o traço que sem difficuldade se fixa na memoria, por isso que é breve e profundo, e sem esforço obriga os olhos a seguirem-o nos seus fantasiosos zigue-zagues, estimulando a curiosidade e captivando o interesse.

Começarei no proximo numero da *Illustração* a traduzir essas inimitaveis cartas, parte das quaes equivalem aos famosos cartões photographicos de Nadar, e que não deixarão de obter em Lisboa o mesmo ruidoso exito que alcançaram em Paris.

GUIOMAR TORREZÃO.

O PRIMEIRO RAMILHETE

O INVENTARIO

Abriu-se uma janella do primeiro andar e a Justina, debruçando-se no corrimão, gritou ao Gabriel que descia a rua apressadamente, arrastando os pés tropegos:

—Metta-se n'uma sege para ir mais depressa. Valha-me Nossa Senhora!

E desappareceu, fechando a vidraça.

Assomava lá em baixo, ao principio da calçada, um americano; mas vinha cheio.

O velho ficou arreliado com este contratempo.

—Ora isto! ora isto!

—Então que foi, sr. Gabriel?

—Ora deixe-me, visinho. Sabe lá!

—Ha alguma novidade lá por casa?

—A patrôa que teve um ataque e que está sem falla. Aquillo com a idade d'ella é para a gente se arreceiar.

—Mas é preciso ir chamar um medico.

—A isso vou, a isso vou; mas o demo do americano vae cheio e não passa por aqui nem uma sege.

—Uma sege para que?

—Para ir buscar o dr. Alves que mora a S. Paulo: é o medico da patrôa.

—Pois dou-lhe de conselho que chegue ali ao dr. Lourenço. E' n'aquella porta acolá. Não, que n'estas coisas assim é ir ao primeiro que apparece.

—Pois vou, visinho, vou: quem me diz a mim que o outro chegaria tarde?... Então o numero é ?...

—33, visinho; 33, 1.º, direito.

O velho atravessou a rua e foi bater á porta indicada, em quanto o mercieiro chamava a mulher para lhe contar a nova.

—Mas que foi homem, que foi?

—A velha que estica o canello. Não, d'esta vez sempre lá hei-de metter o nariz. Não ha-de ser como da outra vez. Em vindo o medico, entro com elles. Não *andem* ser tão aquelles que fechem a porta a uma pessoa que vae offerecer os seus serviços.

—Olha, Francisco; deixa-me ir a mim. Sempre é uma mulher, e á Justina não lhe fará ao caso ter lá quem a ajude.

De ahi por instantes saiam o medico e o Gabriel. A mulher do mercieiro seguiu-os. O velho não queria deixal-a entrar, mas o dr. Lourenço interveiu:

—Você está doido, homem! Que venha, que venha Póde ser precisa lá em cima. Então que tem isso? Estes favores nunca se recusam. Entre, sr.ª Joanna.

Subiram a escadaria do pateo, todo em marmore. Aos lados alinhavam-se vasos grandes das Caldas, amphoras enormes, luzidias caprichosamente lavradas, de que pendiam festões de verdura.

No topo dois fetos novos, e ao centro, a toda a altura da parede, um espelho de moldura negra. A meio do pateo pendia um lustre de metal branco, um quatro globos fuscos.

A Justina veiu ao patamar:

—E' você, Gabriel?

—Sou eu, sou.

—Tão depressa!

—E' que eu fui chamar o sr. doutor medico que mora aqui ao pé.

—Ai! fez bem, fez bem; que eu já estava tão assustada!

—Então como está a doente?

—Ai! sr. dontor! Está na mesma...

E voltando-se para a Joanna:

—Que quer vocemecê?

—Sou eu, sr.ª Justina... a sua visinha aqui do lado...

—Mas é que eu... sim, como o outro que diz...

O Gabriel atalhou logo:

—Deixe lá, deixe. Sempre poderá ser precisa para alguma coisa.

Entraram todos para uma saleta atapetada.

—Por aqui, sr. dr.; por aqui.

Abriu uma porta de frizos dourados de que pendia um reposteiro: era a sala.

A Joanna metteu a cabeça e teve um deslumbramento. Nunca vira uma riqueza assim: espelhos brilhantes que chegavam ao tecto, poltronas de seda bordada, bustos em bronze, quadros, um tapete felpudo, um lustre de cristal, e uma alluvião de coisas extraordinarias!

O medico entrou.

—Então onde é o quarto da doente?

—Eu ensino; venha commigo.

E ao fundo da sala levantou um reposteiro, mansamente, impondo silencio.

A Joanna seguiu-os com timidez, pisando a medo o tapete macio, onde se sentia enterrar, e ao chegar ao pé da alcova parou.

De dentro vinham uns sons inarticulados, como um estertor.

Era quasi noite. A' esquerda do aposento, quasi na sombra, via-se um leito de ebano, com incrustações de madre-perola; das columnas torneadas, em relevos primorosos, pendiam cortinados de setim pallido, colhidos nos angulos por braçadeiras escarlates.

A luz coava-se frouxamente atravez do persianas chinezas. A' cabeceira do leito um anjo de bronze, de azas abertas, sustinha nas mãos uma lampada d'oiro. Ao lado uma ottomana, onde se viam amontoadas roupas de mulher. As paredes eram estofadas de vermelho carregado.

Sobre a cama desenhavam-se confusamente as formas d'um corpo humano, immovel.

—Luz, tragam luz.

E o medico tenteava o pulso da doente, em quanto a Justina, do outro lado da cama, accendia as velas d'um candelabro de prata.

—Então, sr. doutor?

O medico não respondeu: contava as pulsações fraquissimas e cravava o olhar, friamente, nas faces arroxeadas da enferma.

Os cabellos grisalhos empastavam-se-lhe nas fontes suadas e caiam, desordenados, na almofada de rendas. Em torno dos olhos meio cerrados e vitrios uns circulos azulados. Os braços pendiam inertes, entumecidos. As roupas amarrotadas deixavam-lhe a descoberto os hombros roliços e brancos, e parte dos seios carnudos, crivados de veiasinhas azues. O resto do tronco afogava-se na depressão do colchão, o ventre erguido e abaulado, as pernas estiradas, que os lençoes abatidos contornavam minuciosamente. Aos cantos da boca descaida tremeluziam pequenos globos de espuma, e dos labios, côr de violeta desbotada, escoava-se de quando em quando um som debil, arrastado, um como grunhido rouco, meio estrangulado.

—Uma apoplexia... Diabo! Cheguei tarde...

E voltando-se para a Justina:

—Esta senhora não tem familia, alguem que a ajude a bem morrer?

—Ai! sr. doutor! que me diz?!

—Que está a expirar e que nem Deus poderia salval-a. Tem apenas meio minuto de vida, e tratem portanto de...

A criada caiu de joelhos, a soluçar aos pés da cama. O Gabriel, em pé, muito consternado, deixava correr duas lagrimas grossas que vieram pendurar-se-lhe, tremendo, nas barbas brancas, emquanto o medico cruzava os braços, contemplando a moribunda, e a Joanna, a meio do quarto, assistia em silencio a esta scena funebre e triste.

O dr. Lourenço chamou de parte o velho.

—Que familia tinha ella?

—Um sobrinho sr.: tem só um sobrinho em Leiria, mas que não vê ha muito tempo: estavam de mal.

—E vivia só?

—Vivia com a gente, eu e a Justina, que estamos em casa ha muitos annos.

—Bem; n'esse caso vá participar o caso á justiça, mas vá sem demora. Deixou testamento?

—Pr'a ahi fez um no outro dia.

—E em que vocês, de certo, serão contemplados, hein?

—Oh! senhor! Nós não pensamos n'isso...

—Pois vá pensando, vá; mas vá tambem aonde lhe disse, visto que não póde já ir chamar um padre. Olhe...

E abeirou-se do leito.

A moribunda fizera apenas um movimento; o peito levantou-se-lhe e os olhos escancararam-se: depois as palpebras descaíram pouco a pouco, os membros, um momento contraidos, distenderam-se, e toda aquella molle de carnes flacidas pareceu afrouxar e carregar pesadamente, para sempre, no linho revolvido.

—

A Joanna ficou lá toda a noite, velando o cadaver da D. Leocadia, «a velha pôdre de rica» como ella disse no dia seguinte ao marido.

—Ai! Francisco! que aquillo só visto! Que riqueza! que coisas!

—E os velhos?

—Os velhos alapardaram-se com toda aquella dinheirama.

—E o sobrinho?

—O sobrinho apanhou alguma coisa. Agora lá estão a fazer o inventario. E' da gente ficar de boca aberta, só de ouvir o que o escrivão escreve na lista. Elle é mais terras! elle é mais pratas! elle é mais ... tudo, Francisco, tudo! Queres tu vir ver?

—Pois vamos.

—Eu digo-te isto porque a Justina está agora muito minha amiga... Não sei se te conte...

E teve um risinho de cubiça, piscando os olhos.

Quando entraram chegava o caixão de chumbo. Cortado pela distancia, e meio abafado pelos reposteiros corridos, chegava do interior da casa o som de soluços soffocados. Havia no ar um cheiro vago de cera: presentia-se o crepitar de velas, lá dentro, a presensa d'um cadaver, esse *quid* indefinido que falla da morte, que se imprime na immobilidade das coisas, dando lhes uma feição triste e lugubre.

O Francisco parou.

—Anda, parvo! E' a velha que chora lá dentro. Vem ver.

E com ares de entendida, mysteriosamente, bisbilhoteira, mostrou-lhe tudo, os tapetes, as commodas, as *etagéres*, as cortinas, as *coseuses*, os estofos, as estatuetas, as *bijouterias*, as mil insignificancias amontoadas e dispostas por toda a parte, n'esse tom de apparente desleixo que indica o artista, o bom gosto.

O marido olhava espantado, maravilhado e tinha apenas esta phrase:

—Muito asseiada, sim senhor! muito asseiada!

Na sala o seu pasmo subiu de ponto.

Concluia-se o inventario. O escrivão recostado n'uma poltrona accendia um cigarro.

—Olha: lá está o caderno. E' aquillo tudo. Está ali escripto tudo que ella tinha,

O mercieiro apalpava o tapete aveludado:

—Sim, senhor: muito asseiado!

—Que riqueza, hein?

—Muito, muito asseiado trabalhinho.

—Olha esta cadeira... E' toda de seda e de oiro.

—Asseiada coisa.

—Isso mesmo disse ali o sr. escrivão quando a viu.

—O que é lá isso? que quer? que diz?

—Diziamos nós que em asseio...

—Ah! em asseio?! Pois *nãna*...

E o escrivão, indo buscar o chapeu e batendo no inventario:

—Tanto asseio que não tinha em casa um *bidet*!...

LORJÓ TAVARES.

EDIÇÕES E EDITORES

O velho conselheiro vivera sempre absorto nos puros gosos do celibato sem que, ante elle, tivesse apparecido a doce visão de uma mulher amada que podesse encher-lhe o lar domestico, onde reinava aquella solidão agreste, que só é dissipada pela alegria de uma casta esposa, ou pelo terno garrular d'um bando de creancitas loiras.

A unica paixão do conselheiro eram os livros.

Bibliophilo de alma e coração, enlevava-se horas inteiras na contemplação de qualquer *in folio* raro, nos bellos missaes de illuminuras soberbas, ou nos velhos alfarrabios gothicos, cujas folhas se desfazem á mais leve pressão dos dedos.

Os livros eram todo o seu amor; o passado, o presente e o futuro estavam synthetisados nas largas *vitrines*, onde se arrecadavam aquellas preciosidades, mais queridas que todos os gosos estonteadores que a opulencia póde dar. Nunca mulher alguma foi amada com um amor intenso, exclusivo e profundo como o que o conselheiro dedicava aos seus livros. Não tivera mocidade. Do mundo conhecia apenas as principaes livrarias e os mais afamados alfarrabistas. Por qualquer volume raro, que lhe faltasse, era capaz de ir á China, ou de revolver meio globo, para satisfazer a sua vehemente paixão de colleccionador.

Pouco figurara na sociedade: a sua pasmosa erudição, e, principalmente, a fortuna de que dispunha, attrahiram-lhe as bajulações dos politicos que n'elle pensavam poder encontrar um magnifico filão a explorar. Mas a tudo resistira e a mina conservava-se impenetravel. Vingaram-se chamando-lhe *original*, dedicando-lhe nas conversações umas risadas e uns ápartes ironicos, e tratando de lhe ridiculisar a paixão pelos livros, o que o achou tão indifferente como as primeiras bajulações soezes. Se o queriam ver diligente, cheio do enthusiasmo e de alegria, era annunciarem-lhe um qualquer leilão de livros raros, ou apontarem-lhe adelo onde existissem manuscriptos de preço. Então arrostava as agruras do tempo, as chuvas, as ventanias e o mais ardente frio, para correr pressuroso a fazer aquisição das novas preciosidades.

Mas, fóra d'isto, nada era capaz de o incommodar. Sentado n'uma poltrona, envolto no *robe de chambre*, com um montão de livros esparsos em volta de si, passava dias inteiros esquecido do mundo, sem que a noticia do maior cataclismo fosse capaz de lhe fazer desviar a vista do vehemente objecto dos seus cuidados. Se a bibliotheca nada soffresse, o mais que lhe importava? Podiam revolver a terra, que elle não se incommodaria absolutamente nada com isso.

Um dia, de improviso, o velho conselheiro mudou completamente. Como se operou a conversão, as causas que a motivaram isso é que para sempre jazerá no mais impenetravel mysterio. O caso é que começou a frequentar a sociedade e a passar o tempo junto das damas, que sympathisavam com elle apezar da sua epiderme amarellenta, apergaminhada, dos seus cabellos brancos, e da semicurvatura do seu dorso.

De certo o velho conselheiro, habituado a acariciar as doces encadernações da edade media, a tratar com amor os pequeninos *bijous* typographicos da sua collecção, sabia ter com ellas meiguices especiaes, mimos esquisitos, que inteiramente as captivavam. Depois, a perspectiva de uma fortuna principesca estonteava as pequenas cabeças femininas, que apenas sonham n'um mundo de delicias, cheio de joias caras, rendas de Bruxellas e sêdas de Pekin...

*

Um dia, na sociedade elegante, estourou como uma bomba a noticia do casamento do conselheiro.

A noiva era uma creança de attrahente e simpathica formosura, oriunda de fidalga estirpe a quem as antigas luctas politicas tinham arruinado completamente.

A festa nupcial celebrou-se com toda a pompa, e os noivos, segundo o costume de todos os noivos que se prezam, foram passar no estrangeiro a sua deliciosa lua de mel. O casamento foi para elles uma serie ininterrupta de felicidades. A noiva, fascinada, fruia um amor extremoso, uns cuidados ternos e attrahentes, que faziam esquecer os profundos estragos que a edade produziria no marido. Nenhum homem novo seria mais carinhoso e mais amante; nenhum preencheria mais nobremente os seus deveres de esposo...

Para o conselheiro, até então entregue sómente ao amor dos livros, a mulher era um céo aberto, uma novidade deliciosa, uma série de gosos provocantes e estonteadores. Mas, no fim de tres mezes, com o regresso á patria, chegava-lhe a saciedade. Convenceu-se de que o casamento era positivamente a acquisição de um *in folio* raro, e que os cuidados que a esposa reclamava divergiam muito d'aquelles que estava costumado a dedicar ás luminosas encadernações dos seculos passados.

Os tres mezes de amor tinham-n'o completamente esgotado para sempre.

Voltou-lhe então o antigo aborrecimento pelo mundo; deu ampla liberdade á esposa e encerrou-se de novo na bibliotheca, onde passava dias inteiros, levando a crueldade marital ao cumulo de para lá remover o proprio leito, a fim de permanecer sempre junto dos estremecidos livros.

A esposa, a principio emballada ainda pelas meigas illusões infantis, magoou-se profundamente, mas em pouco todas essas tristezas desappareceram ante os enlevos que lhe proporcionavam as mil diversões da sociedade elegante.

Nova, rica e muito formosa, comprehendeu bem depressa que possuia todos os elementos para ser a rainha dos salões, quando viu os adoradores que enxameavam á roda d'ella, e que, borboletas doidas, vinham queimar-se no fogo do seu olhar.

Inteiramente abandonada do esposo, resistiu, ainda assim, ás primeiras seducções que a fascinavam, até que um dia vingou-se do marido impenitente, reeditando uma obra a que elle déra pouco valor, no seu despreso por tudo quanto fosse moderno.

Em breve, porém, comprehendeu, aterrada, que as consequencias eram muito diversas, e que o amante, se bem que menos erudito, era mais conhecedor dos modernos processos litterarios. E isto, quando havia mezes que o marido nem sequer folheava a despresada edição *De matrimonio*, os 8 in-folio do jesuita Sanches.

Não havia remedio. O caso era urgente, só uma resolução heroica a poderia salvar; e abraçando-se á ultima tabua de salvação, mandou pedir ao marido para vir fallar-lhe ao quarto, logo de manhã.

*

Estava o bom do bibliophilo a folhear, enthusiasmado, um velho cartapacio que no dia anterior adquirira por subido preço, quando recebeu o recado fez um gesto de enfado, e, depois de pensar um pouco, respondeu á creada que lá iria, ficando a resmungar surdamente contra a impertinencia da esposa. Não lhe dera elle completa liberdade de acção? Portanto era justo que o deixasse em paz. E olhava para os livros, continuando machinalmente a contemplar aquelle, que até então estivera folheando com tanto amor; erguia-se da cadeira, sentava-se de novo, e só depois de muitas hesitações é que definitivamente se levantou, compoz o fato, sacudiu-lhe o pó e caminhou com cara de martyr para o quarto da esposa—um *boudoir* delicioso, verdadeiro ninho de amor, perfumado pela bellesa voluptuosa da sua habitadora e pelos productos delicados das mais afamadas perfumarias do mundo. Nas paredes, quadros de amores e de idylios campestres; nos toucadores e pelas mesas, *bibelots* raros e magnificas estatuetas antigas, de Sévres, do mais requintado bom gosto.

Os cortinados das janellas desafiavam em alvura os do largo leito de pau santo, que occupava a parte mais central do quarto, ladeado por fôfas ottomanas que faziam surgir no espirito o appetite vago de uma volupia extrema.

O conselheiro entrou com ar austéro e comprimentou seccamente a esposa, que se achava recostada n'uma das ottomanas; e obedecendo a um mudo pedido que ella lhe fez, sentou-se-lhe ao lado. A elegante joven vestia um esplendido *pardessus* que, acompanhando com precisão todos os contornos plasticos, nitidamente mostrava as formas correctas d'aquella estatua de Phidias. Os primeiros botões desapertados deixavam vêr o começo d'um collo alvo, de arminho, mal vendado pelo rendilhado da camisa de cambraia, que fazia prescrutar, no que escondia, mostrando um mundo de bellezas capazes de estontearem o mais frio *lord* acervejado. Os cabellos louros, de fulgurações brilhantes, cahiam-lhe pelas espaduas n'umas ondulações suaves..

—Que me queres? disse o conselheiro, depois de um curto silencio.

—Vêr-te e conversarmos como nas primeiras semanas do nosso amor. Ha que tempo que me não apparecesl E cuidas que não me afflijo, que não me entristeço no injustificado isolamento a que me condemnaste?

E enlaçando-o nos braços semi-núS, poz-lhe nos labios um longo beijo de amor. Depois sentou-se-lhe nos joelhos e toda ella

VISTA DO PORTO DE HUELVA (HESPANHA)

foi sedução e meiguice; abraçou-o n'uma *coqueterie* abrasadora, procurando reanimar o fogo d'aquelle amor que tanto a embriagara d'antes. Mas tudo foi baldado!

O conselheiro permanecia profundamente abstrahido, sem attender aos encantos divinos que ella lhe patenteava, a pensar só nas suas edições raras e nos seus manuscriptos preciosos.

Por ultimo, como acordando d'um sonho inconsciente, ergueu-se e percorrendo com a vista o corpo da esposa, que n'uma vaga desolação se sentara de novo, fixou por instantes a pequena mas já denunciadora saliencia abdominal, e atalhou gravemente:

—Deixa-me em paz, e não te amofines. Isso não vale nada... Eu adoptal-o-hei.

Porto. EDUARDO SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. ANTONIO MENDES BELLO

(Arcebispo de Mitylene)

Entre os homens notaveis da egreja catholica em Portugal, tem, por certo, logar honroso o exemplar sacerdote cujo retrato illustra hoje o nosso semanario.

Nasceu o sr. D. Antonio Mendes Bello em Gouveia, no mez de junho de 1842, e pertence a uma raça singela e forte, que tributa á honra um culto e tem o trabalho honesto na conta de uma segunda religião.

Os primeiros educadores do sr. D. Antonio fôram seus honrados paes. Sua mãe, como as mães antigas, inoculou-lhe no coração, entre beijos de amor, o sentimento do bem; foi ella, primeiro que o collegio, quem lhe deu a noção de Deus e da virtude; e seu pae o primeiro amigo que lhe travou do braço e lhe apontou, atravez dos caminhos erriçados da vida, os austeros preceitos da honra.

*

Destinado desde a puericia ao sacerdocio, podemos dizer que, em Gouveia, onde iniciou a carreira das lettras, como em Coimbra e nas elevadas regiões onde tem patenteado os abundantes dons do seu espirito, a sua vida tem deslisado entre a escola, em que aprendeu e ensinou, e o templo, onde tem revelado o ardor da sua fé e a sinceridade da sua vocação.

Logo nas primeiras provas litterarias, s. ex.ª manifestou zelo no estudo e as lucilações brilhantes do talento, que no seu espirito madrugava.

Para conhecermos os privilegios com que a natureza o distinguiu, basta dizer que, aos 14 annos de edade, fazia D. Antonio, no lyceu de Coimbra, exames de habilitação, lingua patria e latinidade.

Animado com este triumpho, entra em 1857 no seminario diocesano de Coimbra, e um anno litterario, apenas, lhe é mister para vencer o complicado e vasto curso das disciplinas preparatorias que, em 58, lhe dão accesso á sagrada theologia.

Aos 16 annos de edade, amortalha-se o pobre moço na stringe negra do seminarista, com que faz a sua matricula em theologia; e passados tres annos sae coberto de louros para o templo, onde celebra com rebates de alegria a sua iniciação nos graus menores do sacerdocio.

*

Em 1865 vemol-o matriculado no primeiro anno juridico da Universidade.

No quinquenio da sua formatura, recebeu sempre as primeiras classificações do seu curso; e a Universidade considerou-o como filho benemerito pelos privilegios do talento, tenacidade do estudo, e conducta briosa e honesta com que esmaltou os favores da natureza, e mandou offerecer-lhe por um dos seus mais insignes membros a laurea de doutor, que a sua excessiva modestia não acceitou.

Durante a sua vida escolar, o sr. D. Antonio poderia ter tido emulos, mas não teve nunca inimigos. Affavel por indole, lhano, de caracter serviçal e bom, attrahia os seus companheiros nas lides academicas e nunca recusou a ninguem as suas luzes e o seu valimento. E no convivio dos condiscipulos, entre as expansões ardentes da mocidade que o cercava, nunca se esqueceu de que era Padre, e isto dá o perfil do seu caracter.

*

Em 1873 foi nomeado professor de theologia no seminario de Elvas, onde poz em evidencia a vastidão do seu saber.

Era, porém, tão mesquinha a remuneração que o thesouro lhe pagava, que o sr. D. Antonio viu-se forçado, para acudir ás exigencias da sua posição e do meio em que vivia, a consagrar as horas feriadas do magisterio ao arduo mas nobre exercicio da advocacia.

Um anno demorou em Elvas, onde os seus dotes lhe conquistaram muito prestigio, e a sua conducta a benevolencia de todos. O proprio governador do Bispado o distinguiu e honrou. De todo o corpo docente, veneravel por mais de um titulo, aquelle que preferiu para o substituir na administração da diocese, durante os seus legitimos impedimentos, foi o nosso sympathico biographado. E de toda a justiça é que se diga, que estas preferencias nunca o intumesceram de vãos orgulhos, nem o desvairaram dos bons principios; antes affirmava, para cada dia, a modestia da sua indole, a doçura do seu caracter, a madureza do seu juizo e a prudencia do seu criterio. Como galardão d'estes serviços, o reverendissimo vigario geral pediu e alcançou do excellentissimo arcebispo d'Evora, para o seu zeloso substituto, as honras de conego da sua sé metropolitana.

Este tirocinio valeu-lhe de muito para o desempenho da alta dignidade de que foi investido depois na diocese de Pinhel.

Effectivamente, em 1874, o sr. D. Antonio Mendes Bello passou, a convite do governo, para esta diocese, na qualidade de vigario geral e seu governador.

De Pinhel, foi transferido, em 1881, na mesma cathegoria, para Aveiro, onde se conservou até á suppressão d'este bispado.

Hoje o sr. arcebispo de Mytilene occupa na hierarchia ecclesiastica do paiz um logar proeminente, e de crer é que elle não seja o derradeiro marco milliario da sua distinctissima carreira.

AS CANHONEIRAS «ZAIRE» E «LIBERAL»

A nossa gravura representa as duas canhoneiras construidas ha dois annos, por conta do governo portuguez, nos estaleiros inglezes.

A *Zaire* e a *Liberal* são dois navios inteiramente eguaes e elegantissimos.

Cada um d'elles mede 42,m60 de comprimento, por 7,m5 de bocca extrema, 5,m20 de pontal e 604 toneladas de deslocamento.

Têem castello e tombadilho, sendo este ultimo destinado ao alojamento do commandante.

O armamento tem os ultimos aperfeiçoamentos introduzidos pelos mais celebres fabricantes. Cada um dos navios monta um rodizio de 6,m75 a meia nau, duas peças de amurada e um pequeno rodizio debaixo do castello.

A mastreação é de lugre-barca.

O PRIMEIRO RAMILHETE

Não ha creança que não goste de flores. E' que a flor é fresca, viçosa e alegre como a infancia; vive como ella de mimos e desvelos; e assim como a creancinha nos enleva com o divino perfume da sua innocencia, assim a flôr nos delicia com o seu delicado e suave aroma A esta aquece-a e dá-lhe vida a luz do sol, como áquella dá vigor e alento o calor do seio maternal. Os beijos da brisa são, para a flôr, o que os beijos da mãe são para a creança. Uma perde o viço e a côr se lhe falta o orvalho matutino; a outra definha e morre se lhe fallecem as caricias maternaes, que, como aquelle, outra cousa não são senão perolas do ceu caidas.

Ahi temos em a nossa estampa um exemplo d'essa predilecção das creanças. Aquella que ali vêdes, ao collo da mãe, de ha muito que sentia a vista deslumbrada pelo variegado matiz das flôres que se balouçavam nos vasos collocados no peitoril da janella. Ella bem queria chegar-lhes, mas estavam muito altos, e ella era pequenina. O desejo nas creanças é tão pertinaz, como nos homens a ambição. Por isso, tanto pediu á mãe, tanto insistiu e se amuou, que esta cedeu por fim, e por sua mão colheu as flôres e fez o ramilhete que a creancinha ergue agora acima da loura cabeça, para que todos a vejam senhora do precioso thesouro. E tão alegre e ufana está de sua pessoa, que nem já se lembra da maçã que conserva na outra mão. Podera! se é o seu primeiro ramilhete!

VISTA DO PORTO DE HUELVA (HESPANHA)

A nossa gravura representa a vista do porto e do caes de carga e descarga de Huelva, cidade de grande movimento commercial, situada n'uma das regiões mais importantes de Hespanha, pela sua riqueza mineralogica e agricola.

Em Portugal é essa importancia bem conhecida e a *Companhia das Minas de Huelva*, companhia acreditadissima e prospera, é um dos melhores argumentos que a justificam.

UM AMIGO FIEL

A justiça dos homens condemnou aquelle desgraçado a uma reclusão longa e penosa. Disse-se e provou-se que commettera um crime, um delicto enorme. Debalde a defeza procurou influir no animo do juiz e do jury soberanos.

Encerraram-n'o n'um carcere negro, horrivel, onde ninguem vae vel-o, mitigar-lhe as agruras da prisão com palavras consoladoras e amigas.

Só o seu cão fiel, o seu companheiro dedicado é que não deixa de o ir affagar meigamente atravez das grades, com o carinho de um verdadeiro amigo.

E vae desinteressadamente, espontaneamente, sem ninguem o compellir, procurando apenas que o dono, encarcerado e triste, lhe pague em festas as suas caricias affectuosas.

Como isto nos faz crer na superioridade dos irracionaes sobre os homens torpes e ingratos!

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Perto d'um monte está o destino occulto—2—2.
Este verbo nota uma arma—1—1.
A preposição aperta e nota com brio—1—1—1.
Na legação ha uma nota alegre—1—1.

Lamego. ALBERTO D'AZEVEDO.

Este pronome n'esta cidade é doença—1—2.
Este verbo gira no cartorio—1—1.

Lamego. JOSÉ COUTINHO.

Aqui não vale um zero esta medida—1—2.
Esta preposição falla d'esta ave—1—1.

Arneiroz. P.e L. PERPETUA.

EM VERSO

(Ao insigne charadista, Xavier Rodrigão)

Conheço certo patusco
Aprumado, alto e direito,
Que vae sempre, ao lusco-fusco,
Estirar-se no seu leito.—2

E n'elle mui descançado,
Como qualquer troca-tintas,
Analisa do riscado
As suas diversas pintas—1.

Adormece... Agora sonha
Coisas do arco da velha.
Silencio!... Elle diz:—cegonha—
Oh! que formidavel telha!—1

.....

Acorda, emfim, o pateta,
Do seu somno tão pesado,
E está das honras na méta,
A ser do seu rei creado!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

CHARADA CONIMBRICENSE

Na primeira vertical
O leitor deve encontrar
Certo nome de mammifero,
Na zoologia vulgar.

Na segunda vertical
Vê os restos desgraçados
Do utensilio que o destino
Já reduziu a bocados.

Na primeira horisontal
Acha um termo conhecido,
Nos jogos muito empregado,
E por vezes repetido.

Na segunda horisontal
Encontrará instrumento,
Sem o qual não se diverte
Em famoso passatempo.

Na primeira diagonal
Depara com desditosos
Que a sorte cruel, insana,
Fez nascer defeituosos.

Vamos a ver o que ha
Na diagonal derradeira.

Oh! não m'a faças, leitor,
Nem sequer por brincadeira!

Porto. M. M. & M.

Logogripho

(Por lettras)

Conheço bem pouco, eu o confesso,
As regras da metrificação,
E antes d'alguma asneira, prefiro,
Fazer da ignorancia confissão.

Por tanto veja a presente *quadra*,—7, 1, 9, 5, 10
E diga, após exame detido,
Se ella ficou bem ou mal *medida*,—6, 7, 4, 3, 2
Mas não se engane! tome *sentido*.—9, 7, 8, 4, 2

Leitor, releve tão ruins versos,
Desculpe similhante *pochade*.
E' que não tive, (mau grado meu)
De rimas, muita *variedade*.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Mouraria—Maçarico—Girafa—Muar—Silvano—Abilia—Siler—Carlina.
DA CHARADA EM VERSO:—Acrocordio.
DOS LOGOGRIPHOS:—Freitas—Elegiographo.
DOS ENIGMAS:—Colocolo—Entrecasca.

A RIR

A' porta d'um tribunal:
A sentinella dirigindo-se a dois espectadores que chegam:
—Não se póde entrar sem deixar aqui as bengalas.
—Mas não está vendo que não as trazemos?
—Pois façam favor de as ir buscar. Tenho uma ordem e cumpro-a. Não entra aqui ninguem sem me entregar a bengala!

UM CONSELHO POR SEMANA

MODO DE DESTRUIR O CHEIRO DO TABACO

Dissolvem-se 24 grammas de chloreto de cal secco em 120 grammas d'agua distillada. Filtra-se, e juntam-se-lhe 120 grammas d'alcool a 55° e 2 decigrammas de oleo ou essencia de cravo.

Usa-se, misturando uma colher de chá n'um copo d'agua, e lavando a bocca e os dentes com a mistura.

TRAÇOS DA HISTORIA CONTEMPORANEA

A fé dos tratados

IV

O aniquilamento da Polonia é, sem duvida alguma, a mais notavel advertencia que a historia faz aos povos divididos pelas discordias intestinas.

Ha n'este facto um exemplo que é sempre opportuno lembrar áquelles que, no ardor das luctas contemporaneas, esquecem quasi sempre as lições do passado.

As constantes dissensões que perturbavam o governo e a diéta da Polonia, haviam produzido, com o andar do tempo, um profundo enfraquecimento n'aquella republica oligarchica, até que em 5 de agosto de 1772 foi assignado em S. Petersburgo o pacto, em virtude do qual a Polonia era dividida entre a Russia, a Austria e a Prussia.

A proposito diremos que ainda se não sabe ao certo qual dos tres eversores da Polonia se lembrou primeiro de praticar esse crime de lesa nação. E' provavel que fosse Catharina II, apesar de ter adoptado como maxima invariavel o não desejar engrandecer os seus estados.

Os russos affirmam que foi Maria Thereza, embora esta chorasse o infortunio dos polacos opprimidos, levando com uma das mãos o lenço aos olhos para enxugar as lagrimas de facil borbulhar, e empunhando com a outra o ferro que devia retalhar a Po-

lonia. Quanto a Frederico II sabe-se que mandou seu irmão o principe Henrique a S. Petersburgo onde chegou a 9 de dezembro de 1770.

N'essa occasião Catharina II acabava de receber a noticia da tomada da fortaleza de Czentoxow, no condado polaco de Zipp, que Maria Thereza havia mandado occupar pelas suas tropas, e disse sorrindo ao principe Henrique: «Parece que na Polonia é facil apanhar alguma cousa»; acrescentando que se a Austria quizesse desmembrar a Polonia, havia outra potencia que tinha o direito de a imitar, ao que o principe respondeu que para evitar a guerra geral, o melhor era metter tres cabeças n'uma carapuça, phrase pouco elegante e menos diplomatica, mas muito expressiva.

Então a imperatriz. molhando um dedo no tinteiro, traçou uma triplice linha de partilha n'uma carta de Polonia que tinha aberta deante de si

A Austria foi encarregada de adormecer a França, operação levada a cabo por madame Dubarry.

UM AMIGO FIEL

Em 1793 effectuou-se uma nova invasão e realisou-se um segundo desmenbramento. D'esta vez a imperatriz de todas as Russias annunciou no dia 9 de abril que ia fazer entrar na ordem os jacobinos polacos, os quaes proclamavam ao mesmo tempo a egualdade perante a lei e estabeleciam a monarchia hereditaria pela constituição de 3 de maio. O rei da Prussia, Frederico III, levado para álem do Rheno pelos patriotas francezes, quiz vingar-se d'esse cheque, e no mez de julho as suas tropas cahiram sobre a Grande Polonia.

Em 1795 deu-se a terceira invasão. No anno precedente, Kosciusko opposera resistencia durante dois mezes, ás forças prussianas, em frente de Varsovia. No dia 4 de outubro, o heroe polaco, como dezoito mil homens, esperou, em Macieiowice, o embate de todo o exercito russo. Foi vencido e ficou coberto de feridas no campo de batalha. O rei Estanislau, cheio de desgostos, de vergonha e de soffrimentos de toda a especie, abdicou em 25 de novembro de 1795.

Foi assim supprimida uma nação que durante seculos, havia sido uma das mais poderosas da Europa.

Esse triplice e iniquo desmembramento recebeu a sua consagração em 1815, no congresso de Vienna; mas só depois de longas e acrimoniosas questões é que os tres co-partilhantes conseguiram chegar a accordo. Houve até occasiões em que se suppôz imminente uma guerra entre os tres, por todos acharem pequena a sua parte nos despojos. A Russia queria emitar o leão da fabula. A Prussia gritava e *sommava almas* para provar ao congresso a enormidade da injustiça que lhe faziam. A Austria queria que as suas pretensões prevalecessem, e temia, bem como a Prussia e a Inglaterra, que a Russsia, com as suas provincias polacas, avançasse até ao coração da Europa.

A Inglaterra interpoz-se entre os contendores. São indiscriptiveis as argucias empregadas por elles para justificarem a conquista, e demonstrarem que aquella nação era desmembrada e destruida no interesse do equilibrio europeu, e para bem dos povos!

Havia uma unica solução, simples, racional, humana: era restituir a Polonia aos pobres polacos que reclamavam a sua patria. O czar Alexandre I, que manifestava sentimentos muito generosos, approvava este projecto, mas só applicado, é claro, a uma parte dos polacos, aos do gran-ducado de Varsovia, do qual queria fazer a vanguarda da potencia moscovita na sua marcha em direcção ao Occidente.

Em Vienna, porém, como em Berlim, não respeitaram a sua opinião, e por ultimo foi necessario ceder á Russia uma notavel porção dos territorios conquistados na Galicia e no Gran-ducado de Posen.

As controversias ácerca da partilha dos despojos polacos acabaram com duas resoluções absolutamente contradictorias: o reconhecimento solemne da nacionalidade polaca pelos tratados de 3 de maio de 1815 entre a Russia a Prussia e a Austria, bem como pelo acto final do congresso de Vienna em 9 de junho; e ao mesmo tempo o desmembramento approvado d'essa nacionaidade e a sua repartição definitiva entre os tres espoliadores.

Pelos tratados de 3 de maio, o czar Alexandre, o imperador Francisco e o rei Frederico Guilherme declaram ter—«a peito o entenderem-se amigavelmente ácerca das medidas mais proprias para consolidar o bem estar dos polacos»—e quererem—«estender os effeitos d'estas disposições benevolas ás provincias e districtos que compunham o antigo reino da Polonia.» E pelo artigo 1.º do Acto final de 9 de junho, decidiram que:—«Os polacos subditos respectivos da Russia, da Austria e da Prussia» obteriam «uma representação e instituições nacionaes, reguladas segundo o modo de existencia politica que cada um dos governos aos quaes elles pertencem julgar util e conveniente conceder lhes.»

Que impediria os compartilhantes (hoje chama se-lhes annexadores) de reconstituirem a Polonia nos seus limites de 1772, visto reconhecerem a nacionaiidade polaca e terem a peito a consolidação do bem estar dos polacos?

Não foi decerto a Inglaterra, nem a França, lord Castlereagh ou o principe de Talleyrand, os quaes conseguiram, senão impedir o desmembramenro, ao menos obter a promessa de instituições nacionaes.

Uma pequena parte da antiga Polonia, um territorio desmembrado do gran-ducado de Varsovia foi constituido em reino de Polonia ao qual Alexandre outhorgou, em 23 de novembro de de 1815, uma carta constitucional que o ligava ao imperio de todas as Russias. Em virtude dos quatorze primeiros artigos do Acto final de 9 de junho, a Austria conservou a sua parte dos despojos: a Galicia e as salinas de Wieliczka; e a Prussia viu a sua parte tornar-se maior e estender-se pelos territorios reunidos desde então sob a designação de gran-ducado de Posen.

Por uma singular anomalia, a Europa do direito divino fundou, em 1815, uma republica: a de Cracovia. O artigo VI do Acto final diz assim:

«A cidade de Cracovia com o seu territorio é declarada para sempre, cidade livre, independente e estreitamente neutral sob a protecção da Russia, da Austria e da Prussia.»

Do que foi feito d'essa republica e das combinações do congresso de Vienna relativas á Polonia fallaremos no seguinte artigo.

A. C.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa